



## **POR UMA EVANGELIZAÇÃO REALMENTE NOVA**

For a really new evangelization

*Agenor Brighenti \**

**RESUMO:** A necessidade de uma “nova” evangelização se impõe diante do desafio de manter sempre viva e atual a novidade do Evangelho. Para remeter à origem da expressão, comumente refere-se a um discurso de João Paulo II em uma Assembléia do Conselho Episcopal Latino-Americano, realizada no Haiti, em 1983. No entanto, “nova evangelização” é uma categoria que aparece já na *Conferência de Medellín* (1968), para expressar a exigência de levar adiante a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), através de um novo modelo de pastoral: passar de uma “pastoral de conservação”, com ênfase na sacramentalização (de cristandade), para uma pastoral transformadora, com ênfase na evangelização (de pós-cristandade). No entanto, a tradução mais fiel da exigência evangélica de que – para novos tempos, uma nova evangelização –, é a expressão “conversão pastoral”, formulada pela *Conferência de Santo Domingo* (1992) e retomada na *Conferência de Aparecida* (2007). Ela acena para a superação de modelos de pastoral ultrapassados pela renovação do Concílio Vaticano II e pela tradição latino-americana e que configuram, hoje, modelos de uma evangelização caduca no tempo e no espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evangelização, Cristandade, Modernidade, Vaticano II, Aparecida.

**ABSTRACT:** The necessity for a “new” evangelization appears before the challenge of keeping alive and always current the novelty of the Gospel. To remember the origin of the expression, one commonly refers to a speech by John Paul II in a Meeting of the Latin American Episcopal Council, held in Haiti, in 1983. However, “the new evangelization” is a category which already appears in the Conference of Medellín (1968), to express the requirement to carry forward the renewal of the

\* Professor de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba – PR. Artigo submetido a avaliação 06/02/2013 e aprovado da publicação em 05.03.2013.

Second Vatican Council (1962-1965), through a new pastoral model: to pass from a "pastoral" of conservation, with an emphasis on sacramentalization (of Christianity), to a pastoral of transformation, with an emphasis on pastoral evangelization (post-Christianity). However, the most accurate translation of the evangelical requirement that –for new times, a new evangelization–, is the expression "pastoral conversion", formulated by the *Santo Domingo Conference* (1992) and incorporated in the *Conference of Aparecida* (2007). It beckons for overcoming of outdated pastoral models by the renewal of the Second Vatican Council and by the Latin American tradition and that configure, today, models of an evangelization lost in time and space.

**KEYWORDS:** Evangelization, christianity, modernity, Vatican II, Aparecida.

O pontificado de João Paulo II foi marcado pelo signo da "nova evangelização". Ultimamente, a criação de um novo Dicastério na Cúria Romana por Bento XVI e a realização de um Sínodo dos Bispos relativos à questão, nos farão falar muito ainda sobre este assunto nos próximos anos.

Para nos remeter à origem da expressão, comumente nos referimos a um discurso de João Paulo II em uma Assembléia do Conselho Episcopal Latino-Americano, realizada no Haiti, em 1983<sup>1</sup>. No entanto, "nova evangelização" é uma categoria que aparece já na *Conferência de Medellín* (1968), para expressar a exigência de levar adiante a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), através de um novo modelo de pastoral: passar de uma "pastoral de conservação", com ênfase na sacramentalização (de cristandade), para uma pastoral transformadora (Med 6,1), com ênfase na evangelização (de pós-cristandade).

A necessidade de uma "nova" evangelização se impõe diante do desafio de manter sempre viva e atual a novidade do Evangelho. A mensagem cristã é, por excelência, "boa nova" de plenitude de vida, uma diferença que precisa fazer diferença na vida das pessoas, nas culturas e religiões, nas estruturas e na sociedade como um todo – "eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21,6). O tesouro da mensagem não envelhece, mas de barro é a roupagem ou o invólucro que o torna presente na precariedade da história<sup>2</sup>. Os Santos Padres, já na primeira hora do cristianismo, chamavam a atenção para a necessidade de uma "Igreja em contínua reforma", o que os protestantes reformados cunharam na expressão – *ecclesia semper reformanda*. Dom Hélder Câmara, com humor, gostava de repetir que "a

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, PAPA. *XIX Discurso à Assembleia do CELAM* (Porto Príncipe, 9 de março de 1983), 3: AAS, n. 75, I, 1983, p. 778.

<sup>2</sup> Cf. DUQUOC, C. "Creo en la Iglesia": Precariedad institucional y Reino de Dios. Santander: Sal Terrae, 2001, p. 134-140. (Original francês — "Je crois en l'Église": Précarité institutionnelle et Règne de Dieu, Paris: Cerf, 1999). Col. Presencia Teológica 112.

Igreja precisa mudar constantemente para ser sempre a mesma Igreja de Jesus Cristo". E que, para isso, não basta "uma" conversão, mas o cristão e a Igreja como um todo precisam de "muitas" conversões, de constante conversão, para ser mediação dos mistérios da eternidade na história.

O Concílio Vaticano II, acolhendo o programa de *aggiornamento* eclesial idealizado por João XXIII, chamou a atenção que "a tradição progride". Bruno Forte, com muita propriedade a definiu como "a história do Espírito Santo na história do Povo de Deus". No entanto, a tradução mais fiel da exigência evangélica de que – para novos tempos, uma nova evangelização –, é a expressão "conversão pastoral", formulada pela *Conferência de Santo Domingo* (1992) e retomada na *Conferência de Aparecida* (2007), em sintonia com a "recepção criativa"<sup>3</sup> do Vaticano II feita por *Medellín*. Ela acena para a superação de modelos de pastoral ultrapassados pela renovação do Concílio Vaticano II e pela tradição latino-americana e que configuram, hoje, modelos de uma evangelização ultrapassada no tempo e no espaço. Nem toda dita "nova evangelização" é realmente nova, seja porque pode estar repetindo modelos esclerosados do passado, seja porque o modelo apresentado não expressa a novidade perene da mensagem evangélica, na contingência de um novo tempo e de um novo contexto.

### ***1. Para tempos novos, uma evangelização nova***

Na *Conferência de Medellín*, momento único da história em que teologia e magistério se encontram e convergem, é quando por primeira vez aparece a expressão "nova evangelização"<sup>4</sup>. No início do Documento, mais precisamente na *Mensagem aos Povos da América Latina*, ao elencar os "compromissos da Igreja latino-americana" para levar adiante a renovação do Vaticano II, se afirma a necessidade de "alentar uma nova evangelização (...) para obter uma fé mais lúcida e comprometida"<sup>5</sup>. Mais adiante, os Bispos vão dizer que, para isso, será preciso superar o modelo pastoral pré-conciliar e de cristandade – a "pastoral de conservação" –, "baseada

<sup>3</sup> O sentido do termo "recepção" para indicar o processo de acolhida, por exemplo, de um concílio, foi explicitado, já na primeira hora da implementação da renovação proposta pelo Vaticano II, especialmente por Y. Congar. Já a categoria "recepção criativa" é de Jon Sobrino, utilizada para indicar que a recepção do Vaticano II pela Igreja na América Latina, tal como está estampado no *Documento de Medellín*, não se trata de "implantação", mas de encarnação e desdobramento de suas intuições e eixos fundamentais, fazendo-se do mesmo, mais um "ponto de partida" do que um mero "ponto de chegada". Cf. Y. CONGAR, *La réception comme réalité ecclésiologique*. *RSPT*, n. 56, p. 369-403, 1972.

<sup>4</sup> Cf. GONZÁLEZ DORADO, A. *Historia de la nueva evangelización en América Latina*. *Medellín*, n. 73, p. 35-62, 1993.

<sup>5</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 39.

numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização"; a pastoral de "uma época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas..." (Med 6,1).

### **1.1 Uma nova evangelização para manter a novidade da Mensagem**

O Sínodo dos Bispos sobre "A evangelização no mundo contemporâneo", realizado em 1974 e que redundou na publicação da Exortação *Evangelii Nuntiandi* por Paulo VI em 1975, fazendo eco da contribuição da Igreja na América Latina, também fala da necessidade de suscitar "tempos novos de evangelização" (n. 2). Este mesmo Documento respaldará os Bispos da Igreja da América Latina na *Conferência de Puebla* (1979) na continuidade do processo de "recepção criativa" do Vaticano II, desencadeado por *Medellín*, então já havia uma década. Apesar da estratégia de combate a esta perspectiva por parte de segmentos conservadores da Igreja, sobretudo a partir da Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano, realizada em Sucre, em 1972, *Puebla* registra com força: "... situações novas (AG 6), que nascem de mudanças socioculturais, requerem uma nova evangelização" (n. 366)<sup>6</sup>.

Assim, como se pode constatar, quando João Paulo II fala em seu discurso ao CELAM no Haiti, em 1983, da necessidade de uma "nova evangelização", o Papa está acolhendo uma expressão, ainda que certamente não na mesma perspectiva, cunhada pelas Igrejas de um continente cujo solo ele está pisando. Igrejas que estão forjando realmente uma "nova evangelização" em relação ao modelo anterior, desde a primeira hora da renovação conciliar, enfrentando tensões e conflitos internos e externos, muitos dos quais haviam redundado em condenações e mesmo em martírios. As tensões no seio da Igreja, causadas pela "nova evangelização" aqui praticada, se deve ao fato dela ser expressão não apenas de uma mera implantação da renovação do Vaticano II, mas, sobretudo, de desdobramentos de suas proposições e intuições fundamentais. Na realidade, a "nova evangelização" levada a cabo no continente, na perspectiva de *Medellín* e *Puebla*, estava tomando o Vaticano II, não simplesmente como "um ponto de chegada", mas muito mais como "um ponto de partida", tal como havia recomendado Paulo VI no final do mesmo: "um concílio não termina de maneira definitiva com a promulgação dos decretos, pois estes, mais do que um ponto de chegada, são um ponto de partida para novos objetivos"<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> A tradução ao português do Documento de Puebla, diferente do original espanhol, em lugar de "nova" põe "outra", o que é menos e outra coisa que "nova".

<sup>7</sup> PAULO VI, Papa. Le Congrès international de théologie du IIe. concile oecuménique du Vatican. *Documentation Catholique*, n. 63, 1966, p. 1731.

## 1.2 Uma evangelização nova em seu ardor, métodos e expressões

Consciente da complexidade e abrangência desta tarefa, João Paulo II no discurso do Haiti, iria falar de uma nova evangelização: “nova em seu ardor, nova em seus métodos e nova em suas expressões”. Ora, isso também não era algo novo. O Papa, com *Puebla*, estava recolhendo o que já havia dito Paulo VI, em *Evangelii Nuntiandi*:

a) *uma evangelização nova em seu fervor (ardor)*: “Uma evangelização inspirada no fervor que se pode observar sempre na vida dos grandes pregadores e evangelizadores, que se consagraram ao apostolado”. [...] “Esta falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e esperança em numerosos evangelizadores” (EN 80).

b) *uma evangelização nova em seus meios (método)*: “Este problema de ‘como evangelizar’ apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura...” [...] “Incumbe o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos, tornando-os o mais possível adaptados e eficazes, para comunicar a mensagem evangélica aos homens de nosso tempo” (EN 40).

c) *uma evangelização nova na maneira de expressar o conteúdo (expressões)*: “Na mensagem que a Igreja anuncia, há certamente muitos elementos secundários. A sua apresentação depende, em larga escala, das circunstâncias mutáveis. Também eles mudam” (EN 25). [...] “É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada...” (EN 29).

Novo *fervor/ardor* se refere ao mensageiro, que também é mensagem. Na evangelização, não é possível desvincular a Mensagem do mensageiro, sobretudo como dirá a *Evangelii Nuntiandi*, porque o testemunho constitui “o momento primeiro de um processo da evangelização” (EN 21). Antes do anúncio explícito do querigma, impõe-se a necessidade de uma prévia evangelização implícita, alicerçada em um falar de Deus sem falar, a exemplo de seu próprio modo discreto e silencioso de comunicar-se. Neste particular, os grandes pregadores e evangelizadores têm muito a nos inspirar, entre os quais, nossos mártires brilham como modelo de zelo pela defesa e promoção da “vida em abundância” (Jo 10,10), que Jesus veio trazer. Para uma nova evangelização, um mensageiro novo, sintonizado com seu tempo e contexto e, sobretudo, expressão da mensagem sempre nova do Evangelho.

Novos *meios/métodos* aludem ao fato de que, na evangelização, além do mensageiro, o método é também mensagem. E como as mediações o mensageiro tira da cultura, sempre viva e dinâmica, inevitavelmente, os métodos caducam e passam. Métodos ou mediações que num determinado tempo

e espaço mostraram-se adequados, em outras circunstâncias, podem se revelar totalmente defasados. O mensageiro precisa zelar para que os métodos que ele utiliza para evangelizar estejam sempre em congruência com o conteúdo da mensagem veiculada. Não basta que o fim seja evangélico; também os meios precisam ser evangélicos. Na evangelização, os meios são sempre o fim na gradualidade do processo. É preciso ficar atento a meios que não são bom caminho, pois desviam do fim ao qual a mensagem acena.

Novas expressões ou nova maneira de expressar o conteúdo dizem respeito à roupagem através da qual se veicula o Evangelho. E a roupagem é também mensagem. Além do mensageiro e do método, a instituição é também mensagem, assim como estruturas, organização, configuração histórica são também mensagem, dado que afetam o caráter de uma Igreja sacramento do Reino de Deus. Sacramento, além de instrumento, é também sinal que precisa mostrar ou visibilizar a mensagem na forma como se busca explicitá-la e atualizá-la nas novas circunstâncias.

## ***2 Quando a dita "nova" evangelização está defasada***

Assim, "tempo novo" e "novo contexto" exigem "nova evangelização". Uma "nova" evangelização não é, portanto, um desafio ou uma exigência apenas de hoje e para hoje. Sempre que mudam as condições socioculturais do meio no seio do qual a Igreja leva a cabo sua missão, concomitantemente, apresenta-se também o imperativo de uma "nova evangelização". O que significa que nem todo "modelo" que se autodenomina "nova evangelização" necessariamente é novo. Pode ser que seja um modelo de ontem e, portanto, inadequado para encarnar a mensagem de sempre nas novas circunstâncias, como pode ser um modelo novo, mas inadequado para responder aos desafios de hoje.

### ***2.1 Nova evangelização e modelo de pastoral***

O conceito "nova evangelização", cunhado pela Igreja na América Latina, em relação ao tempo, se opõe radicalmente a qualquer resquício de cristandade ou neocristandade, tributárias de eclesiocentrismos e cristomonismos ou de integristismos, fundamentalismos e proselitismos camuflados; e, em relação ao contexto sociocultural, advoga por uma Igreja encarnada na sociedade moderna e pós-moderna, pluralista, autônoma em relação à tutela do religioso, numa postura de "diálogo e serviço" (GS), renunciando toda e qualquer tentação de conformar um mundo dentro do mundo, uma subcultura eclesial, próprio da mentalidade de gueto<sup>8</sup>. Em outras pala-

<sup>8</sup> Cf. COX, H. *La religion en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984; GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Evangelizar en un mundo post cristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993.

bras, “nova evangelização” tem a ver com “novo modelo de pastoral” em relação ao momento anterior. Mas, também não basta ser “novo”, pois pode ser novo em relação ao modelo anterior e, no entanto, inadequado para as contingências do hoje.

Uma “nova evangelização”, que se traduz em um “novo modelo de pastoral” para o nosso tempo e contexto, como já fizemos referência, está muito bem caracterizada em outra expressão também cunhada pela Igreja na América Latina. O conceito apareceu pela primeira vez no Documento de *Santo Domingo* (1992) e foi retomado, com ênfase, por *Aparecida*. No contexto da celebração dos 500 anos de evangelização na América Latina e dos novos desafios nos tempos de hoje, os Bispos falam da exigência de uma “*conversão pastoral da Igreja*” (SD 30). Na época, como se falava muito em “nova evangelização” e o próprio Documento dedicava grande parte dele a esta questão, não se deu muita atenção à nova expressão, tampouco se fez relação entre conversão pastoral, nova evangelização e novo modelo de pastoral.

## 2.2 O novo como superação da cristandade

De maneira muito feliz, o *Documento de Aparecida* retomou a expressão de *Santo Domingo*, fazendo relação entre conversão pastoral e modelo de pastoral: “a conversão pastoral de nossas comunidades exige ir mais além de uma pastoral de mera conservação, para uma pastoral decididamente missionária” (Dap 370). Como já dissemos, a expressão “pastoral de conservação” é de *Medellín*, evocada para referir-se, precisamente, ao modelo pastoral pré-conciliar de cristandade: “baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização” (Med 6,1)<sup>9</sup>. Por isso, *Aparecida*, em sintonia com *Medellín* e *Santo Domingo*, entende a conversão pastoral como a passagem de uma pastoral de cristandade, de sacramentalização, de conservação, a uma pastoral de pós-cristandade, evangelizadora, “*decididamente missionária*” (Dap 370)<sup>10</sup>.

Para *Aparecida*, em sintonia com *Medellín* e *Santo Domingo*, urge uma conversão pastoral e uma renovação eclesial, por duas razões básicas: a necessidade de se levar adiante a reforma do Vaticano II; e, à luz do Concílio, dar novas respostas às novas perguntas, que os novos tempos apre-

<sup>9</sup> Sobre esta mudança radical, ver: SCATENA, S. *In populo pauperum. La chiesa latinoamericana dal Concilio a Medellín (1962-1968)*. Bologna: Il Mulino: 2007.

<sup>10</sup> Cf. BRICHENTI, A. Ênfasis pastorales de la Iglesia en América Latina y El Caribe en los últimos 50 años, in *Medellín*, n. 123, p. 375-398, 2005. Para uma visão da renovação conciliar na Igreja latino-americana, ver: A. METHOL FERRE. El camino de la Iglesia latinoamericana. In: *Nexo*, n. 10 p. 43-73, 1986; KELLER, M. A. El proceso evangelizador de la Iglesia en América Latina. De Río a Santo Domingo. *Medellín*, n. 81 p. 5-43, 1995; JIMÉNEZ CARVAJAL, J. Las cuatro conferencias generales del episcopado: Río, Medellín, Puebla, Santo Domingo. El camino recorrido. *Medellín*, n. 118, p. 177-218, 2004; CADAVID, A. El camino pastoral de la Iglesia en América Latina y el Caribe. *Medellín*, n. 123, p. 331-374, 2005.

sentam, através de uma Igreja "decididamente missionária". Em *Aparecida*, há a consciência de que o Vaticano II, com suas voltas às fontes bíblicas e patrísticas, é um divisor-de-águas no itinerário da Igreja e que exige uma "nova evangelização", pois ele significa a passagem, ainda que tardia, da cristandade à modernidade, da sacramentalização à evangelização, da pastoral de conservação a uma pastoral evangelizadora. Por isso, afirma *Aparecida*: "... tem nos faltado coragem, persistência e docilidade à graça para levar adiante a renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II e impulsionada pelas anteriores Conferências Gerais, para assegurar o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja" (DAP 100h). Prova disso, diz o Documento, são "... algumas tentativas de voltar a uma eclesiologia e espiritualidade anteriores à renovação do Vaticano II" (DAP 100b).

### ***2.3 Modelos de pastoral de um modo de evangelizar ultrapassado***

Um olhar analítico sobre a situação da pastoral na Igreja hoje revela pelo menos três modelos de pastoral inconseqüentes com o momento atual, expressões de um modo de evangelizar ultrapassado, defasado no tempo e no espaço: a *pastoral de conservação*, prolongamento do ultrapassado modelo de cristandade; a *pastoral apologista*, extensão do modelo de Igreja da neocristandade; e a *pastoral secularista*, um modelo de hoje, mas inconseqüente com reais desafios do tempo presente e incongruente com a mensagem cristã, por ser de corte providencialista e utilitarista. São modelos de pastoral sem futuro, dado que estão defasados teologicamente, na contramão da história e fechados aos novos sinais dos tempos e às interpelações do Espírito<sup>11</sup>.

#### ***a) A pastoral de conservação (de cristandade)***

Assim denominada por *Medellín* (Med, 6,1) e lembrada por *Aparecida* (DAP 370), é um modelo de pastoral e de evangelização ainda vigente na Igreja há mais de mil anos, apesar de haver sido radicalmente superado pelo Concílio Vaticano II. Funciona centralizado no padre e na paróquia e, no seio desta, na matriz. A volta do clericalismo na atualidade é uma apologia deste modelo, que se reproduz também por meio de leigos clericalizados.

A *pastoral de conservação* está à margem da sociedade atual, funcionando como que imune à renovação do Vaticano II, desconhecendo a modernidade, bem como a crise da modernidade e o processo de mudanças em curso.

<sup>11</sup> Para uma visão mais completa, ver: BRIGHENTI, A. A pastoral na vida da Igreja. Repensando a missão evangelizadora em tempos de mudança. In: CNBB — COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, Brasília: Conferência Nacional do Bispos do Brasil, 2012, p. 117-138. Ver, também, PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*, Santander: Sal Terrae, 1991.



Em sua configuração pré-tridentina, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no culto aos santos e composta de procissões, romarias, novenas, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval (um catolicismo “de muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”- Riolando Azzi)<sup>12</sup>. Já em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do padre, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja.

Resquício de uma sociedade teocrática e assentada sobre o denominado “substrato católico” de uma cultura rural estática, a pastoral de conservação pressupõe que os cristãos já estejam evangelizados, quando na realidade trata-se de católicos não convertidos, sem a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo. Conseqüentemente, não há processos de iniciação cristã, catecumenato ou catequese permanente. A recepção dos sacramentos salva por si só, concebidos e acolhidos como “remédio” ou “vacina espiritual”. A paróquia é territorial e, nela, em lugar de fiéis, na prática, há clientes que ocorrem esporadicamente ao templo para receber certos benefícios espirituais fornecidos pelo clero.

Na *pastoral de conservação*, o administrativo predomina sobre o pastoral; a sacramentalização sobre a evangelização; a quantidade ou o número dos adeptos sobre a qualidade; o pároco sobre o bispo; o padre sobre o leigo; o rural sobre o urbano; o pré-moderno sobre o moderno; a massa sobre a comunidade. Todos estes são elementos que caracterizam um velho e caduco modelo de evangelização, mas ainda muito presente em um mundo que não é mais aquele mundo medieval, pré-científico e teocrático.

### **b) A pastoral apologista (de neocristandade)<sup>13</sup>**

É um modelo de pastoral e de evangelização que teve seu auge no século XIX, quando a Igreja pré-moderna jogou suas últimas cartas no confronto com a modernidade. Pouco tempo depois, ela seria desautorizada em seus pressupostos pelo Concílio Vaticano II, que vai inserir a Igreja no mundo, em uma atitude de “diálogo e serviço”<sup>14</sup>. Nos dias atuais, com a crise da modernidade e a falta de referenciais seguros, a *pastoral apologista* volta com força, com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro e poder,

<sup>12</sup> Estranhamente, procissões, romarias, novenas... ao contrário do passado, hoje, contam com “muito padre”, que pensam com estas práticas inovar, preterindo comunidades de base, programas de formação, pastoral social, etc. “Novidades” de mais de mil anos, que não resistem à mais incipiente teologia. Uma coisa é respeitar e valorizar a religiosidade popular, fazendo dela caminho para uma nova evangelização. Outra coisa é implantar práticas que comprometem a exigência de manter viva a novidade do Evangelho no contexto e nos tempos de hoje.

<sup>13</sup> Cf. BRIGHENTI, A. A pastoral na vida da Igreja. Repensando a missão evangelizadora em tempos de mudança. Op. cit., p. 123.124.

<sup>14</sup> Cf. QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000; VELASCO, J.M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002.

triumfalismo e visibilidade, guardiã da ortodoxia, da moral católica, da sagrada tradição. Constitui-se, hoje, na mais acabada expressão de um modelo de evangelização ultrapassado, mas que se apresenta como "nova", a única capaz de manter vivos em um mundo secularizado, os ideais evangélicos.

Como estratégia de evangelização, a *pastoral apologista* assume a defesa da instituição católica diante de uma sociedade supostamente anti-clerical, assim como a guarda das verdades da fé frente uma razão dita secularizante, que não reconhece senão o que pode ser comprovado pelas ciências. Ao desconstrucionismo dos metarrelatos e do relativismo reinante que geram vazio, incertezas e medo, contrapõe-se o "porto de certezas" da tradição católica e um elenco de verdades apoiadas numa racionalidade metafísica. Se a *pastoral de conservação* é pré-moderna, a *pastoral apologista* é anti-moderna. Neste modelo de Igreja e de pastoral, em lugar do Vaticano II, que supostamente se rendeu à modernidade, uma "revolução jacobina" antropocentrista, que em sua essência atenta contra Deus, apregoa-se a "volta ao fundamento", guardado zelosamente pela tradição anti-moderna, que acertadamente excomungou em bloco a modernidade<sup>15</sup>.

Na ação evangelizadora, a *pastoral apologista* se apóia numa "missão centrípeta", a ser levada a cabo pela milícia dos cristãos, soldados de Cristo, a "legião" de leigos e leigas "mandatada" pelo clero. A missão consiste, numa atitude apologética e proselitista, em sair para fora da Igreja, a fim de trazer de volta as "ovelhas desgarradas" para dentro dela. Numa atitude hostil frente ao mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de "sub-cultura eclesiástica", no seio da qual pouco a pouco se sentirá a necessidade de vestir-se diferente, morar diferente, evitar os diferentes, conviver entre iguais, em típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário acabam sendo sua marca, apoiados na racionalidade pré-moderna agostiniana e tomista.

Como se está em estado de guerra, qualquer crítica é intolerada, pois enfraquece a resistência. Diante da dúvida, a certeza da tradição e a obediência à autoridade monárquica, ícone da divindade na terra. A missa tridentina alimenta o imaginário dos novos cruzados, no resgate da pré-modernidade perdida. Em lugar da Bíblia, coloca-se na mão do povo o catecismo da Igreja; em lugar de teologia para formar cristãos adultos, enquadra-se os fiéis na doutrina e nos dogmas da fé católica. Com natu-

<sup>15</sup> Sobre a questão, ver MANZANARES, C. V. *Postmodernidad y Neoconservadurismo*. Estella: Verbo Divino, 1991; LADRIÈRE, P.; R. LUNEAU, R. *Le retour des certitudes*. Paris: Centurion, 1988 e, também, dos mesmos autores, *Le rêve de Compostelle*. Paris: Centurion, 1990; GONZÁLEZ FAUS, J.-I. El meollo de la involución eclesial, *Razón y Fe* v. 220, n. 1089/90, p. 67-84, 1989; CARTAXO ROLIM, F. Neoconservadurismo eclesiástico e uma estratégia política. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 49, n. 194, p. 259-281, jun. 1989; P. LADRIÈRE; R. LUNEAU (Dir.). *Le retour des certitudes. Événements et orthodoxie depuis Vatican II*. Paris: Le Centurion, 1987, p. 161-178; LIBÂNIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1984. Col. Teologia e evangelização 4.

ralidade, fala-se em “refazer o tecido cristão da sociedade”, em manter seu “substrato católico”, em “adotar o método apologético” na evangelização, ignorando um mundo autônomo da Igreja, pluralista, tanto no campo cultural como religioso.

### c) *A pastoral secularista (de pós-modernidade)*<sup>16</sup>

Também este é um modelo de pastoral que se faz passar por “nova” evangelização, na esteira de uma sociedade pós-moderna, pós-humanista, pós-social, pós-cristã. Propõe-se responder às necessidades imediatas das pessoas no contexto atual, em sua grande maioria, órfãs de sociedade e de Igreja. É integrada por pessoas desencantadas com as promessas da modernidade, por “pós-modernos” em crise de identidade, pessoas machucadas, desesperançadas, frustradas, depressivas, sofredoras, em busca de auto-ajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. Em suas fileiras, estão pessoas que querem ser felizes hoje, aqui e agora, buscando solução a seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatas. Nestes meios, há um encolhimento da utopia no momentâneo<sup>17</sup>.

Em meio às turbulências de nosso tempo, dado que o passado perdeu relevância e o futuro é incerto, o corpo é a referência da realidade presente, deixando-se levar pelas sensações e professando uma espécie de “religião do corpo”. Na medida em que Deus quer a salvação a partir do corpo, esta religiosidade colada à materialidade da vida, pode ser porta de entrada para a religião, mas, caso se reduza a isso, é certamente porta de saída<sup>18</sup>.

A *pastoral secularista* vem na esteira de uma religiosidade eclética e difusa, uma espécie de neopaganismo imanentista, que confunde salvação com prosperidade material, saúde física e realização afetiva. É a religião a *la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa fé, no seio do atual próspero e rentável mercado do religioso<sup>19</sup>. A religião já é o produto mais rentável do capitalismo.

<sup>16</sup> Cf. A. BRIGHENTI, “A pastoral na vida da Igreja. Repensando a missão evangelizadora em tempos de mudança”. Op. cit., p. 124-125.

<sup>17</sup> Sobre a questão, ver DAGMANG, F. D. Gratificação instantânea e libertação. *Concilium*, n. 282, p. 59-71, 1999; BONGARDT, M. Existência estética e identidade cristã. Sobre a possível figura do cristianismo na sociedade do prazer imediato. *Concilium*, n. 282, p. 83-96, 1999; KESSLER, H. A satisfação do momento. A dor do momento perdido. *Concilium*, n. 282, p. 121-136, 1999.

<sup>18</sup> Cf. CORBÍ, Maria. *Hacia una espiritualidad laica. Sin creencias, sin religiones, sin dioses*, Barcelona: Herder, 2007.

<sup>19</sup> Sobre as mudanças em curso no seio da religião, ver MARDONES, J. M. *Para comprender las nuevas formas de la religión*. Navarra: Verbo Divino, 1994, p. 151-163; TERRIN, A. N. Despertar religioso: nuevas formas de religiosidad, *Selecciones de Teología*, n. 126, p. 127-137, 1993; CAMPICHE, R. et alii, Individualisation du croire et recomposition de la religion. *Archives de Sciences sociales des Religions*, 81, 1993, p. 117-131; na América

No seio da *pastoral secularista*, há um deslocamento da militância para a mística na esfera da subjetividade individual, do profético para o terapêutico e do ético para o estético (a passagem de opções orientadas por parâmetros éticos para escolhas pautadas por sensibilidades estéticas), contribuindo para o surgimento de “comunidades invisíveis”, composta por “cristãos sem Igreja”, sem vínculos comunitários<sup>20</sup>. Há uma internalização das decisões na esfera da subjetividade individual, esvaziando as instituições, incluída a instituição eclesial, que passa a ser constituída também por membros sem espírito de pertença.

Neste contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, não só reduzindo-a à esfera privada, como a um espetáculo para entreter o público. Trata-se de uma “estetização presentista”, propiciadora de sensações “in-transcendentes”, espelho das imagens da imanência. Uma mescla de profissão de fé a afirmação narcisista, típicas de um sujeito ameaçado. Também a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo. Ora, o que tem de “nova evangelização” nisso, senão a velha prática providencialista e milagreira, que mereceu a crítica por parte dos filósofos da práxis da “religião como alienação”, escapismo da concretude da história ou de transferência a Deus de nossas próprias responsabilidades?

### *3 Nova evangelização e conversão pastoral*

Na tradição eclesial latino-americana, está suficientemente explícito que uma “nova evangelização” para os dias atuais, exige uma “conversão pastoral” em relação aos velhos modelos do passado, o que implica a passagem de uma “pastoral de conservação” a uma “pastoral evangelizadora”. Tudo isso, para levar adiante a renovação do Vaticano II.

O entrelaçamento destas categorias – conversão pastoral, pastoral de conservação, pastoral evangelizadora –, no contexto em que elas foram formuladas, desqualifica certas hermenêuticas atuais do Vaticano II<sup>21</sup>, pois não levam à passagem da cristandade à modernidade, da pastoral de conservação à uma pastoral evangelizadora, nos parâmetros da renovação conciliar.

Latina, ver AZEVEDO, M. América latina. Perfil complexo de um universo religioso. *Medellín* 87, p. 5-22, 1996; sobre as mudanças do cristianismo em relação à modernidade, ver HERVIEU, D.; CHAMPION, F. Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité. In: Centre T. Moro, *Christianisme et modernité*. Paris: Cerf, 1990.

<sup>20</sup> Cf. SANTABÁRBARA, L. G. C. Cristãos em Igreja. *Concilium*, Petrópolis, n. 340, p. 98-104, 2011.

<sup>21</sup> Cf. THEOBALD, C. *La réception du Concile Vatican II. I. Accéder à la source*. Paris: Cerf, 2009, p. 697-699.

### 3.1 O Vaticano II que não foi

Todos nós somos conhecedores da classificação por parte de determinados segmentos da Igreja<sup>22</sup> que buscam minimizar a profundidade e abrangência da renovação do Vaticano II, de duas hermenêuticas do Concílio: uma equivocada, segundo eles, – a hermenêutica “da descontinuidade e da ruptura” – e, outra, supostamente correta – a hermenêutica “da reforma, da renovação na continuidade”<sup>23</sup>.

M. Lefebvre e os integristas católicos haviam acusado o Vaticano II de haver rompido com a tradição da Igreja, pois seria um Concílio que nega o Concílio Vaticano I e Trento. Ao contrário do movimento cismático que rompeu com o Vaticano II, os segmentos que evocam estes duas hermenêuticas na atualidade, não rompem com o Concílio, mas o interpretam na perspectiva tridentina, acusando os que mostram a distância entre Trento e o Vaticano II de estarem fazendo uma hermenêutica equivocada, de ruptura com a tradição. Só que, na realidade, os que supostamente fazem uma hermenêutica do Concílio de “descontinuidade e ruptura”, não estão pondo em evidência ruptura em relação à tradição da Igreja, mas à cristandade e à neocristandade, ao eclesiocentrismo, à teocracia medieval, em resumo, à larga e esclerosada era constantiniana, que se prolongou na Igreja católica até meados do século XX<sup>24</sup>. Já os que falam do Vaticano II como “renovação na continuidade”, por suas atitudes e práticas, demonstram que, na realidade, embora se reivindicuem do Vaticano II, continuam atrelados à mentalidade e ao modelo de cristandade ou de neocristandade. Em outras palavras, os que vêem o Vaticano II como “descontinuidade e ruptura”, na realidade, buscam se colocar na perspectiva da “volta às fontes” bíblicas e patrísticas, das quais a tradição tridentina havia se distanciado; já quem vê no Vaticano II “renovação na continuidade”, advoga pela “volta ao fundamento” e se refugia na doutrina e no tradicionalismo,

<sup>22</sup> A acusação de que o Vaticano II rompeu com a tradição da Igreja foi levantada por M. Lefebvre e hoje é assumida pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X, integristas ligados a Roma.

<sup>23</sup> HUENERMANN, Peter. Silêncio frente ao Concílio Vaticano II? *Concilium* n. 346, p. 283-296, 2012, p. 284. Para uma hermenêutica do Concílio Vaticano II, ver: ALBERIGO, G. O Vaticano II e sua história. *Concilium* n. 312, p. 07-19, 2005; MELLONI, A. O que foi o Vaticano II? Breve guia para os juízos sobre o Concílio. *Concilium* n. 312, p. 34-59, 2005; THEOBALD, C. As opções teológicas do concílio Vaticano II: em busca de um princípio “interno” de interpretação. *Concilium*, n. 312, p. 115-138, 2005.

<sup>24</sup> Simbólica e hilariamente, conta-se que, no encerramento do Concílio Vaticano II, alguns Bispos, ao saírem da Basílica de São Pedro, passavam na frente da estátua do imperador que atrelou o cristianismo ao Império Romano e acenavam dizendo: “adeus, Constantino!”. Jon Sobrino expressa bem esta mudança: “a convocatória que rompia inesperada e radicalmente com o passado, uma liberdade desconhecida dentro da aula conciliar e a relevância de muitos de seus textos, prontamente captada por pessoas da Igreja e de fora dela, fizeram do concílio um acontecimento epocal”, cf. SOBRINO, J. “A Igreja dos pobres” não prosperou no Vaticano II. Promovida em Medellín, historizou elementos essenciais do concílio. *Concilium*, n. 346, p. 79-89, 2012, 79.

revelando dificuldade em se desvencilhar das velhas seguranças da tradição tridentina, tributária de uma racionalidade pré-moderna, essencialista e metafísica.

### 3.2 A volta de um modelo de evangelização ultrapassado

Estas duas hermenêuticas do Vaticano II levam, conseqüentemente, a dois projetos de “nova” evangelização distintos, fundados em distintas eclesiologias e diferentes visões de mundo, teologia da missão, escatologia, espiritualidade, etc. Em grandes linhas, a hermenêutica da “renovação na continuidade” conduz ao antigo e conhecido modelo de evangelização, na perspectiva da cristandade ou da neocristandade. É retorno ou volta ao passado, fazendo dele um refúgio. Já os que supostamente fazem a hermenêutica da “descontinuidade ou da ruptura” acenam para a uma “nova evangelização”, na perspectiva da pós-cristandade, de respeito à autonomia do temporal, de diálogo ecumênico e interreligioso, de uma evangelização ligada à promoção humana, tal como acenam o Vaticano II e a tradição eclesial latino-americana. Por isso, se pode afirmar que “a nova evangelização é um fruto maduro da caminhada da Igreja latino-americana”<sup>25</sup>.

O *Instrumentum Laboris* do Sínodo sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”<sup>26</sup>, ainda que tenha recolhido muitas contribuições das Igrejas na América Latina e em outros continentes frente ao reinante eurocentrismo eclesial, espelha ainda resquícios de uma mentalidade de cristandade ou neocristandade. Provas disso é que a meta é chegar aos cristãos descristianizados: “a nova evangelização refere-se principalmente às Igrejas de antiga fundação”, [...] “àqueles que deixaram a práxis cristã”, [...] “àqueles batizados das nossas comunidades que vivem uma nova situação existencial e cultural, na qual a sua fé e o seu testemunho estão comprometidos” (n. 85). Com isso, basicamente, evangelizar significa sair para fora e trazer os católicos afastados para dentro da Igreja, numa espécie de missão centrípeta, centrada na Igreja católica. Quanto aos “novos métodos”, a ênfase está colocada no “anúncio do kerigma” ou no “primeiro anúncio” (n. 142), quando na realidade se trata de um processo bem mais complexo, tanto do ponto de vista da fé cristã quanto dos interlocutores, sem hesitar em recomendar a apologética: “numa sociedade

<sup>25</sup> GALLI, C. M. ‘Novedades’ de la ‘nueva’ evangelización en y desde la Iglesia de América Latina y el Caribe. Aportes al Sínodo de 2012, del Concilio Vaticano II a Aparecida. *Medellín*, 147-206, 2012, 165. Sobre a recepção do Vaticano II na América Latina, ver: Cf. SOBRINO, J. *El Vaticano II y la Iglesia latinoamericana*, In: FLORISTÁN, C. y TAMAYO J.-J. (Eds.). *El Vaticano II, veinte años después*, Cristiandad, Madrid 1985, p. 105-134; GUTIÉRREZ, G. *La recepción del Vaticano II en América Latina*. In: ALBERIGO, G. y JOSSUA, J.-P. (Eds.). *La recepción del Vaticano II*, Madrid: Cristiandad, 1987, p. 213-237.

<sup>26</sup> SÍNODO DOS BISPOS, XIII Assembléia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, Instrumentum Laboris*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

que expulsou muitas formas de discurso sobre Deus, a necessidade que nossas instituições assumam, sem medo, também uma atitude apologética [...] é uma clara urgência pastoral" (n. 138). Quanto às "novas expressões" ou a manifestação histórica do processo de evangelização, se acena para a tarefa de refazer o tecido cristão da sociedade, sem tomar suficientemente em conta a autonomia do temporal e a necessária distinção entre secularização e secularismo: "é urgente, sem dúvida, refazer em toda parte o tecido cristão da sociedade humana. Mas, a condição é a de refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais..." (n. 13). Quanto ao "novo ardor", praticamente se assenta num voluntarismo, imbuir-se de "entusiasmo" pela missão ou da "alegria de ser católico": "não são raras as situações que requerem uma nova apresentação do Evangelho, nova em seu entusiasmo... (n. 87).

### 3.3 Para uma evangelização realmente "nova"

Ora, "nova evangelização" na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição eclesial latino-americana é outra coisa: é reinocêntrica e não eclesiocêntrica; é trinitária e não cristomonista; é missão centrífuga e não centrípeta; é evangelizadora e não sacramentalizante; é de interação com o mundo moderno e pós-moderno e não de postura apologética; é promotora de uma salvação da pessoa inteira e de todas as pessoas e não espiritualizante e a-histórica; é centrada na Palavra e não na doutrina ou no catecismo; é dialogal e propositiva e não apoiada no proselitismo e no *marketing*; é interpessoal e comunitária e não massiva e mediática, etc.

A categoria "conversão pastoral", plasmada por *Santo Domingo* e resgatada por *Aparecida*, expressa bem o horizonte de uma nova evangelização na perspectiva da renovação conciliar<sup>27</sup>. Diz o Documento de *Santo Domingo*:

A Nova Evangelização exige a conversão pastoral da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o Concílio. Ela abrange tudo e a todos: na consciência, na práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e autoridade; com estruturas e dinamismos que façam presente, cada vez com mais clareza, a Igreja enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal (SD 30).

O objeto ou o "o quê" da conversão pastoral abrange tudo – ações, métodos, linguagem, estruturas; e abarca a todos – tanto as relações interpessoais como o exercício da autoridade. A razão ou o "para quê" da conversão pastoral é fazer presente, de modo visível, a Igreja como sacramento de salvação universal. Tudo isso, dentro dos parâmetros ou em coerência com o Concílio Vaticano II. Em outras palavras, o objeto da conversão pastoral é o agir da Igreja e seus agentes e, a razão, é a própria finalidade da evangelização, a salvação universal pela conexão com o Reino de Deus, do

<sup>27</sup> Para uma abordagem da questão no Magistério pós-conciliar, ver MELGUIZO, G. La conversión pastoral en el Magisterio. *Medellín*, n. 134, p. 229-246, jun. 2008.

qual a Igreja precisa ser cada vez com mais clareza, seu sinal e instrumento, seu sacramento. Uma conversão pastoral, enquanto abarca o agir e os agentes da evangelização leva a mudanças em quatro âmbitos: na consciência da comunidade eclesial; na práxis ou ações pessoais e comunitárias; nas relações de igualdade e autoridade; e nas estruturas da Igreja.

O *Documento de Aparecida*, ao resgatar a categoria "conversão pastoral" de *Santo Domingo*, não fica só no enunciado, mas fornece indicações bem concretas para uma conversão pastoral nos quatro âmbitos apontados. Quando assumidas convenientemente pela comunidade eclesial como um todo, sem dúvida, levam a uma "nova evangelização", coerente com a renovação conciliar e conseqüente com os desafios dos tempos atuais.

#### **a) Conversão na consciência da comunidade eclesial**

A conversão da consciência é o nível mais profundo da conversão pastoral e da renovação eclesial. Ela concerne a cada pessoa que integra uma comunidade eclesial e também a comunidade como um todo, na medida em que a conversão pastoral e da renovação eclesial, dependem também de uma nova consciência comunitária. Uma comunidade é mais que a mera soma de seus membros. A Igreja é sujeito e também objeto de conversão. Como diz Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*: "evangelizadora, a Igreja começa por evangelizar-se a si mesma" (EN 15).

Para uma conversão na "consciência eclesial da comunidade eclesial", caminho para uma nova evangelização, *Aparecida* faz alguns apelos muito concretos:

*Viver um novo Pentecostes.* A conversão pastoral e renovação eclesial se remetem ao protagonismo de Espírito Santo na obra da evangelização. Diz *Evangelii Nuntiandi*, que não há pastoral sem Espírito Santo, pois a Igreja não é nem anterior e nem exterior a Pentecostes. A Igreja querida e fundada por Jesus Cristo só começa a existir, de fato, quando os inativos se tornam ativos, por obra do Espírito. O Espírito desinstala, é fonte de vida, sustenta a esperança. Para uma Igreja toda ela missionária, evangelizadora, diz *Aparecida*, esta necessita "desinstalar-se de seu comodismo, estancamento e tibieza, à margem do sofrimento dos pobres do Continente". Por isso, "esperamos um novo Pentecostes que nos liberte do cansaço, da desilusão e da acomodação em que nos encontramos" (DAP 362). A firme decisão missionária de promoção da cultura da vida, "deve impregnar todas as estruturas eclesiais e a todos os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, assim como toda a instituição eclesial, abandonando as estruturas ultrapassadas" (DAP 365).

*Uma evangelização no trinômio Igreja-Reino-Mundo.* Uma nova evangelização implica, antes de tudo, um *aggiornamento* em relação à mensagem cristã e ao mundo, a começar pela eclesiologia, o ponto de estrangulamento da pastoral, hoje. Na perspectiva do Vaticano II, não se



pode mais conceber a evangelização fora do trinômio Igreja-Reino-Mundo, condição para superar o eclesiocentrismo e testemunhar “os valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural” (DAP 212) e, assim, transformar a “cidade atual” na “Cidade Santa” (DAP 516). A comunidade dos discípulos, que é a Igreja, não se identifica com o Reino de Deus; ela é seu sacramento histórico-salvífico. Ele não acontece somente na Igreja, como comunidade socialmente constituída dos redimidos. Como também não acontece somente na interioridade secreta da consciência, na meta-histórica subjetividade religiosa, mas se produz também na concretude da realização do amor ao próximo, apesar da ambigüidade da história, em suas objetivações empiricamente perceptíveis.

*Acolher e colaborar com a obra que o Espírito realiza, também fora da Igreja.* A superação do eclesiocentrismo e a distinção entre Igreja e Reino de Deus, operadas pelo Vaticano II, fez-nos tomar consciência da presença e da atuação do Espírito, para além das fronteiras da Igreja. Recordou-nos o Concílio que o Espírito de Deus sopra onde e quando ele quer. Conseqüentemente, acolher a obra do Espírito, que atua também fora da Igreja ou das Igrejas, implica colaborar com aqueles que agem no Espírito, mas não pertencem à Igreja. Para além das fronteiras eclesiais, o cristão, como cidadão do Reino, é companheiro de caminho e de trabalho de todas as pessoas de boa vontade, pertencentes a outras Igrejas ou a outros credos<sup>26</sup>, ou simplesmente professantes de um “humanismo aberto ao Absoluto” (*Populorum Progressio*). Uma evangelização ancorada no trinômio Reino-Igreja-Mundo leva a acolher e colaborar com a obra que o Espírito realiza, também fora da Igreja (DAP 374), “para além da comunidade eclesial” (DAP 326), pois “necessidades urgentes nos levam a colaborar com outros organismos ou instituições...” (DAP 384). Isso implica “descolonizar nossas mentes”, fazendo cessar a lógica colonialista de rechaço e de assimilação do outro, uma lógica que não vem de fora, mas que está dentro de nós (cf. DAP 96), pois “anúncio e diálogo são elementos constitutivos da evangelização” (DAP 237).

*Fazer do pluralismo, não uma abertura, mas um pressuposto.* Diz Aparecida que, em nosso Subcontinente, é urgente fazer cessar a lógica colonialista de rejeição e de assimilação do outro; uma lógica que vem de fora, mas que também está dentro de nós (DAP, 96), e criar espaços para vozes e rostos ‘outros’ de nosso pluralismo arcaico e reprimido. O pluralismo, mais que uma abertura, é um pressuposto. Como o sujeito é plural, o pressuposto é da alteridade; conceber-se na relação com o diferente. Conseqüentemente,

<sup>26</sup> Sobre a evangelização num contexto pluri-religioso, ver: HINTERSTEINER, N. Da missão mundial ao testemunho inter-religioso: investigando as perspectivas missiológicas contemporâneas. *Concilium*, n. 339, p. 87-97, 2011; ADMIRAND, P. Missão em Remissão: a Missão e diálogo inter-religioso numa época pós-moderna e pós-colonial. *Concilium*, n. 339, p. 98-109, 2011.

no campo da missão, não há destinatários, mas interlocutores. O ponto de partida de uma missão na ótica dialógica do Evangelho é o outro, pois, enquanto comunicação, ela só começa quando o outro responde. Para uma conversão pastoral, caminho para uma nova evangelização, é preciso estar atento, pois, como constata *Aparecida* a globalização apresenta-se “com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores”, envolvendo-nos numa “nova colonização cultural” (DAp, 46). Daí a necessidade de “assumir a diversidade cultural” contra as tentativas “que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos” (DAp, 59). Não esquecer que “anúncio e diálogo são elementos constitutivos da evangelização” (DAp, 237). Evangelização, portanto, não significa proselitismo, mas somar forças para a promoção e libertação de toda a humanidade (DAp, 26). Neste sentido, “o diálogo inter-religioso tem especial significado na construção da nova humanidade”, pois, entre outros, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas e educa para a paz e a convivência dos cidadãos (DAp, 239).

### **b) Conversão na práxis pessoal e comunitária**

Nova evangelização tem a ver, sobretudo, com as práticas. O Vaticano II, superando todo dualismo, nos fez tomar consciência de que o cristianismo não propõe à humanidade nada mais do que sermos plenamente humanos. *Medellín* postulou a salvação como a passagem de situações menos humanas para situações mais humanas. Na mesma perspectiva, *Evangelii Nuntiandi* frisa que entre evangelização promoção humana há laços intrínsecos.

De maneira muito feliz, a Igreja no Brasil, desde a primeira hora da recepção do Vaticano II, levou a cabo um plano de evangelização integral, organizado em torno às seis dimensões ou linhas da ação evangelizadora: comunitário-participativa, missionária, bíblico-catequética, litúrgica, ecumênica e do diálogo inter-religioso, sócio-transformadora. Mais tarde, de maneira ainda mais consequente, a CNBB as situaria nos três âmbitos da evangelização: o âmbito da pessoa, o âmbito da comunidade e o âmbito da sociedade. *Aparecida* irá propor um itinerário de evangelização, em quatro momentos: experiência pessoal de fé, vivência comunitária, formação bíblico-teológica e compromisso missionário de toda a comunidade eclesial (DAp 226). Nesta perspectiva, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil* (2011-2015), apoiadas em *Aparecida*, propõem um modelo de evangelização alicerçado em cinco urgências: Igreja em estado permanente de missão, Igreja casa da iniciação à vida cristã, Igreja lugar de animação bíblica da vida e da pastoral, Igreja comunidade de comunidades, Igreja a serviço da vida plena para todos<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Cf. CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Mais concretamente, para uma conversão no campo da práxis pessoal e comunitária, *Aparecida* indica como principais linhas de ação:

*Uma ação fundada no encontro pessoal com Jesus Cristo.* Uma nova evangelização se alicerça em uma experiência de discipulado, que começa com o encontro com o evento Jesus Cristo (cf. DAp 243); a própria natureza do cristianismo consiste em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo (cf. DAp 244). Daí a importância de uma ação evangelizadora que chegue às pessoas, para além de comunidades massivas, constituídas de cristãos não evangelizados de débil identidade cristã e pouca pertença eclesial (cf. DAp 226a).

*Passar da implantação da Igreja à encarnação do Evangelho.* Evangelizar não consiste simplesmente em incorporar pessoas a uma instituição, mas antes de tudo encarnar o Evangelho na vida de pessoas contextualizadas. Mas, não também de um evangelho supostamente fora da contingência da história e das culturas, o que não passaria da transmissão de uma determinada versão dele e levaria a uma Igreja monocultural. A Igreja é consequência da adesão a Jesus Cristo e seu Reino. Não há cristão sem Igreja. Portanto, “evangelizar é inculturar o Evangelho” (DAp 491)<sup>30</sup>, por um processo, no qual, o sujeito é quem recebe a mensagem, incorporando-a, segundo sua cultura, em sua vida e em suas relações.

*Fazer do ser humano o caminho da Igreja*<sup>31</sup>. O Povo de Deus peregrina na história, partilhando “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” (GS 1) de todos os seres humanos. Cabe, pois, à Igreja se descentrar de suas questões internas e sintonizar com as grandes causas da humanidade<sup>32</sup>. Para *Aparecida*, “Deus, em Cristo, não redime só a pessoa individual”, mas em suas “relações sociais” (DAp 359), por isso, evangelizar é

<sup>30</sup> Para uma abordagem das implicações entre evangelização e culturas, ver: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Inculturação. Desafios de hoje*, Petrópolis, Vozes-SOTER, 1994; ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Petrópolis: Vozes — SOTER, 1995; ANTONIAZZI, Alberto. *Inculturação. Algumas reflexões como introdução ao tema. Atualização*, Belo Horizonte, n. 205, p. 3-12, 1987; COMBLIN, José. *Inculturação e libertação. Convergência*, Rio de Janeiro, n. 235, p. 423-432, set. 1990; COMBLIN, José. *Aporias da inculturação (1)*. REB, Petrópolis, n. 223, v. 53, p. 664-684, set. 1996, e *Aporias da inculturação (2)*. REB, Petrópolis, n. 224, v. 56, p. 903-929, dez. 1996; Paulo SUESS. *Inculturação: desafios, caminhos, metas*. REB, Petrópolis, n. 193, v. 49, p. 81-126, mar. 1989; SUESS, Paulo. *No Verbo que se fez carne, o Evangelho se faz cultura*. REB, Petrópolis, n. 213, v. 54, p. 36-49, mar. 1994; SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros. Ensaio de missiologia*, São Paulo: Paulus, 1995; SUESS, Paulo (Org.). *Culturas e evangelização. A unidade da razão evangélica na multiplicidade de suas vozes: pressupostos, desafios e compromissos*. São Paulo: Loyola, 1991.

<sup>31</sup> Cf. SOBRINO, J. *Aprender a unir lo divino y lo humano. Sal Terrae*, n. 91, p. 817-829, 2003.

<sup>32</sup> ESPEJA PARDO, J. *La conversión pastoral como cambio de paradigmas, métodos y lenguajes. Medellín*, n. 134, p. 277-308, 2008, 299.

também “engendrar padrões culturais alternativos para a sociedade atual” (DAP 480). A promoção da vida plena em Cristo nos leva a assumir, evangelicamente, as tarefas prioritárias que contribuem com a dignificação de todos os seres humanos. Por isso, é preciso trabalhar junto com demais pessoas e instituições (DAP, 384), fazendo dos pobres sujeitos de mudança e de transformação de sua situação (DAP, 394), evitando o paternalismo (DAP, 397), no diálogo com as ciências (DAP, 465), cuidando da ecologia (DAP, 474), inculturando o Evangelho (DAP, 479), de modo particular no mundo urbano (DAP, 501) e na vida pública (DAP, 509).

*Uma evangelização integral, para além da mera proclamação do kerigma.* Há uma suposta “nova evangelização”, hoje, que praticamente se reduz ao anúncio<sup>33</sup>. A CNBB, nas últimas décadas, juntamente com *Evangelii Nuntiandi*, em suas Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora, tem insistido nas quatro exigências de um processo evangelizador: “testemunho, diálogo, anúncio, comunhão”. Evangelização não é levar as pessoas simplesmente a aderir a certas verdades. Jesus não é o autor de uma salvação a-histórica e espiritualizante – “eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Medellín, na perspectiva da *Populorum Progressio*, concebe a salvação não alheia à “passagem de situações menos humanas para situações mais humanas”. Nesta perspectiva, afirma Aparecida que a obra da evangelização está ligada à promoção humana, que leva a “uma autêntica libertação”, integral, abarcando “todo o homem e o homem todo” (DAP 399)<sup>34</sup>.

*A opção pelos pobres como seguimento de Jesus.* Afirma Aparecida, apoiada no Discurso Inaugural de Bento XVI, que a opção pelos pobres “está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (DAP 392). Por isso, a Igreja está “convocada a ser advogada da justiça e defensora dos pobres”, diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu (DAP 395). E continua, “para que seja preferencial necessita transpassar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAP 396)<sup>35</sup>.

*Uma renovada pastoral urbana.* Uma nova evangelização passa por uma pastoral urbana. Constata Aparecida que 85% da população latino-americana habita nas cidades, uma realidade que causa profundo impacto sobre

<sup>33</sup> Uma boa aproximação ao conceito de “evangelização” se pode encontrar In: RAMOS, J. A., *Teologia Pastoral*. Madrid: BAC, 2001, p. 211-220, Sapiencia Fidei-Serie de Manuales de Teología; J. ESQUERDA BIFET, *Teología de la evangelización. Curso de Misionología*, BAC, Madrid 1995, p. 27-43; FLORISTAN, C. “Evangelización”. In: FLORISTAN, C. (Org.). *Nuevo Dccionario de Pastoral*, Madrid: San Pablo, 2002, p. 550-559.

<sup>34</sup> Cf. TORRES, S. A Pastoral Social em Aparecida. In: AMERÍNDIA. *V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança*. Op. cit., p. 241-254.

<sup>35</sup> Sobre a questão, ver: COMBLIN, J. Los pobres en la Iglesia latinoamericana y caribeña. In: *Tejiendo Redes de Vida y Esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y El Caribe*. Op. cit., p. 289-305.

a pastoral<sup>36</sup>. Por isso, uma conversão pastoral no âmbito da práxis eclesial, implica: a) desenvolver “um estilo de ação adequado à realidade urbana, em sua linguagem, estruturas, práticas e horários”; b) agir apoiado em um plano pastoral “orgânico e articulado, que incida sobre o conjunto da cidade”, com estratégias para chegar aos “condomínios fechados, edifícios residenciais e favelas”; c) ter uma maior presença nos “centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias” (Dap 518). Concretamente, a Vª. Conferência recomenda uma nova pastoral urbana que: atenda as variadas e complexas categorias sociais, econômicas, políticas e culturais, compostas de elites, classe média e pobres; transforme as paróquias cada vez mais em comunidades de comunidades; aposte na experiência de comunidades ambientais, integradas em comunidades em nível supra-paroquial e diocesano; fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela; intensifique a presença eclesial nas periferias urbanas, que crescem devido às migrações internas e situações de exclusão (Dap, 517).

*Um consistente programa de formação.* Finalmente, para uma conversão pastoral no âmbito da práxis pessoal e eclesial, se faz necessária uma “decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades” (Dap 276). Não antes ou depois, mas “na missão” (Dap 278c). Uma formação, especialmente “bíblica e nos conteúdos da fé” (Dap 226), para que, através de uma “formação crítica” (Dap 486f) e uma “consciência crítica” (Dap 499), os discípulos missionários colaborem para a transformação do mundo (cf. Dap 280d). Nesta perspectiva, os planos de pastoral devem “favorecer a formação de um laicato capaz de atuar como verdadeiro sujeito eclesial e competente inter-locutor entre a Igreja e a sociedade” (Dap 497).

### ***c) Conversão nas relações de igualdade e autoridade***

Uma nova evangelização implica, também, mudanças no exercício da autoridade e do poder na Igreja. Para *Aparecida*, o clericalismo, o autoritarismo, a minoridade do laicato, a discriminação das mulheres e a falta de corresponsabilidade entre todos os batizados na Igreja, são os grandes obstáculos para levar adiante a renovação proposta pelo Vaticano II. Por isso, a conversão pastoral precisa passar também por mudanças nas relações de igualdade e autoridade. Duas indicações sobressaem:

*Passar do binômio clero-leigos a comunidade-ministérios.* Para o Vaticano II não existe duas classes de cristãos – clero-leigos – mas, um único gênero, os batizados, que engendra um outro binômio: comunidade-ministérios. Por isso, *Aparecida*, com Puebla, fala da Igreja como “comunhão e participação”

<sup>36</sup> Cf. ANTONIAZZI, A. Princípios teológico-pastorais para a presença da Igreja na cidade. In: INP. *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994; LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

(Dap 213), "casa e escola de comunhão" (Dap 158). Daí a necessidade, na obra da evangelização, da participação "dos leigos no discernimento, tomada de decisões, do planejamento e da execução", (Dap 371)<sup>37</sup>.

*A co-responsabilidade dos batizados, em uma Igreja toda ela ministerial.* Segundo o Vaticano II, todo o Povo de Deus é um povo profético, sacerdotal e régio, que tem o batismo como fundamento de todos os demais ministérios. Por isso, urge processos de tomada de decisões relativas à pastoral, que contemplem a participação de todos, na corresponsabilidade de todos os batizados na obra da evangelização. Neste sentido, destaca *Aparecida* a necessidade de promover "o protagonismo dos leigos, em especial das mulheres", estas com ministérios e "efetiva presença nas esferas de planejamento e nos processos tomada de decisão" (Dap 458). É necessário, na América Latina, superar uma mentalidade machista, que ignora a novidade do cristianismo, que reconhece e proclama a "igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem" (Dap, 453).

#### *d) Conversão das estruturas*

Um efetivo e conseqüente processo de conversão pastoral desemboca, também, numa mudança de estruturas: "vinho novo, odres novos". É preciso ter a coragem de averiguar até que ponto o "ser" da Igreja, em sua organização e estruturas, é suporte ao seu "fazer" no contexto atual. As estruturas são um elemento fundamental da visibilidade da Igreja, pois, afetam seu caráter de sacramento. As estruturas são também mensagem. Sem estruturas segundo o modo de Evangelho e, portanto, sem novas estruturas na Igreja atual, não há nova evangelização<sup>38</sup>.

No âmbito da conversão das estruturas da Igreja, pode-se encontrar em *Aparecida*, indicações muito concretas:

*Uma Igreja "casa dos pobres".* Para *Aparecida*, as estruturas sociais injustas da sociedade desafiam as estruturas pastorais, pois aquelas não conseguem responder às necessidades dos necessitados. Para que a opção pelos pobres seja realmente preferencial, precisa "atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais" (Dap 396). A Igreja, como "casa dos pobres" (Dap 8), "Igreja samaritana" (Dap 26) precisa criar estruturas abertas para acolher a todos (cf. Dap 412), em perspectiva da vida em abundância (cf. Dap 121). Daí a importância de avançar "na estruturação de uma pastoral orgânica, para servir melhor às necessidades dos fiéis" (Dap, 99c).

<sup>37</sup> Cf. ASCENJO GÁLVEZ, L. A. La conversión pastoral: un llamado a vivir en libertad y comunión. *Medellín*, n. 134, p. 247-275, 2008, p. 270.

<sup>38</sup> Cf. OLIVEROS, R. Igreja particular, paróquia e CEBs em *Aparecida*. In: *V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança*. Op. cit., p. 183-193; CODINA, V. A eclesiologia de *Aparecida*. In: *AMERÍNDIA. V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança*. Op. cit., p. 138-145.

*Uma pastoral social estruturada, orgânica e integral.* Segundo *Aparecida*, para assumir com nova força a opção pelos pobres, todo processo evangelizador precisa ser de promoção humana e buscar a autêntica libertação, sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade (cf. DAp 399). Por isso, cabe “promover renovados esforços para fortalecer uma pastoral social estruturada, orgânica e integral, que com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização, lá onde a vida está mais ameaçada” (DAp 401).

*Criar comunidades de tamanho humano.* Expressão de uma Igreja que quer assumir com mais força a opção pelos pobres são as pequenas comunidades eclesiais ou de base, para *Medellín*, “célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização”. Elas permitem o povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos (DAp 178). Estas pequenas comunidades proféticas, tendo “a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade”, “demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e distantes e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios, a favor da vida, na sociedade e na Igreja” (DAp 179).

*Renovar a paróquia.* A paróquia é célula viva da Igreja, mas necessita uma vigorosa renovação, para que seja: espaço de iniciação cristã; lugar de educação e celebração da fé, aberta à diversidade dos carismas, serviços e ministérios; organizada de maneira comunitária e responsável; integradora dos movimentos; aberta à diversidade cultural e a projetos pastorais supra-paroquiais e das realidades circundantes (cf. DAp 170). Para *Aparecida*, levando em consideração suas dimensões, é aconselhável sua “setorização em unidades territoriais menores, com equipes de animação e coordenação que permitam uma maior proximidade às pessoas e grupos que vivem na região”. Dentro destes setores, é aconselhável também, “a criação de grupos de famílias, que ponham em comum sua fé e as respostas a seus próprios problemas” (DAp 372)<sup>39</sup>.

*Uma ação pastoral pensada.* Uma nova evangelização que desemboca na renovação eclesial passa pelo esforço de uma pastoral pensada. Por isso, para *Aparecida*, o plano pastoral diocesano e nos diferentes níveis, deve ser a resposta consciente e eficaz, para atender às exigências do mundo de hoje, com indicações pragmáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho. Os leigos precisam participar do discernimento, da tomada de decisões, o planejamento e da execução (cf. DAp 371).

<sup>39</sup> Cf. LIBANIO, J. B. Conversão pastoral e estruturas eclesiais. *Medellín*, n. 134, p. 309-329, 2008, p. 323.

Para que Deus seja novo em cada manhã e sua Boa Nova da salvação não caduque no tempo, a Igreja, depositária da Boa Nova do Reino, precisa estar em constante estado de *aggiornamento*, tanto em seu "ser" como em seu "fazer". A religião é uma instituição hierofânica: sua finalidade é transparecer o divino através do humano, sem jamais pretender ocupar seu lugar, sob pena de eclipsá-lo. Historicamente, o religioso sempre foi um âmbito ambíguo, no qual o humano e o divino se tocam, às vezes, se mascaram e, raramente, se limitam mutuamente. Haverá sempre uma inevitável tensão entre a promessa do Reino que a Igreja testemunha, anuncia e edifica e o caráter obsoleto das mediações que buscam visibilizá-lo na concretude da história, através de sua ação evangelizadora. O institucional inscreve-se no tempo provisório da eternidade do Reino, por isso, sempre precário e desafiado a colocar-se em constante estado de desapareição.

A precariedade do instituído não é consequência de infidelidades. Também. Mas, muito mais pelo efeito da distância engendrada pela Promessa em relação a toda forma de realização histórica da mesma. A flexibilidade da tradição ou a consciência da precariedade da instituição é o rosto vivo do modo discreto de Deus manifestar-se no mundo, dado que ele não dispõe da liberdade humana como um senhor despótico, mas a solicita como um amigo. Mediante sua discrição é como Deus se apresenta como Deus. Por sua vez, é mediante seu próprio eclipse e sua flexibilidade como a instituição eclesial mostra ser sua testemunha e sacramento, na precariedade da história.

**Agenor Brighenti.** Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, professor-pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, professor visitante na Universidade Pontifícia do México e no Instituto Teológico-Pastoral do CELAM. Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM.

**Endereço:** Rua Imaculada Conceição 1155 – Bloco CTCH  
Prado Velho  
80215-901 Curitiba – PR